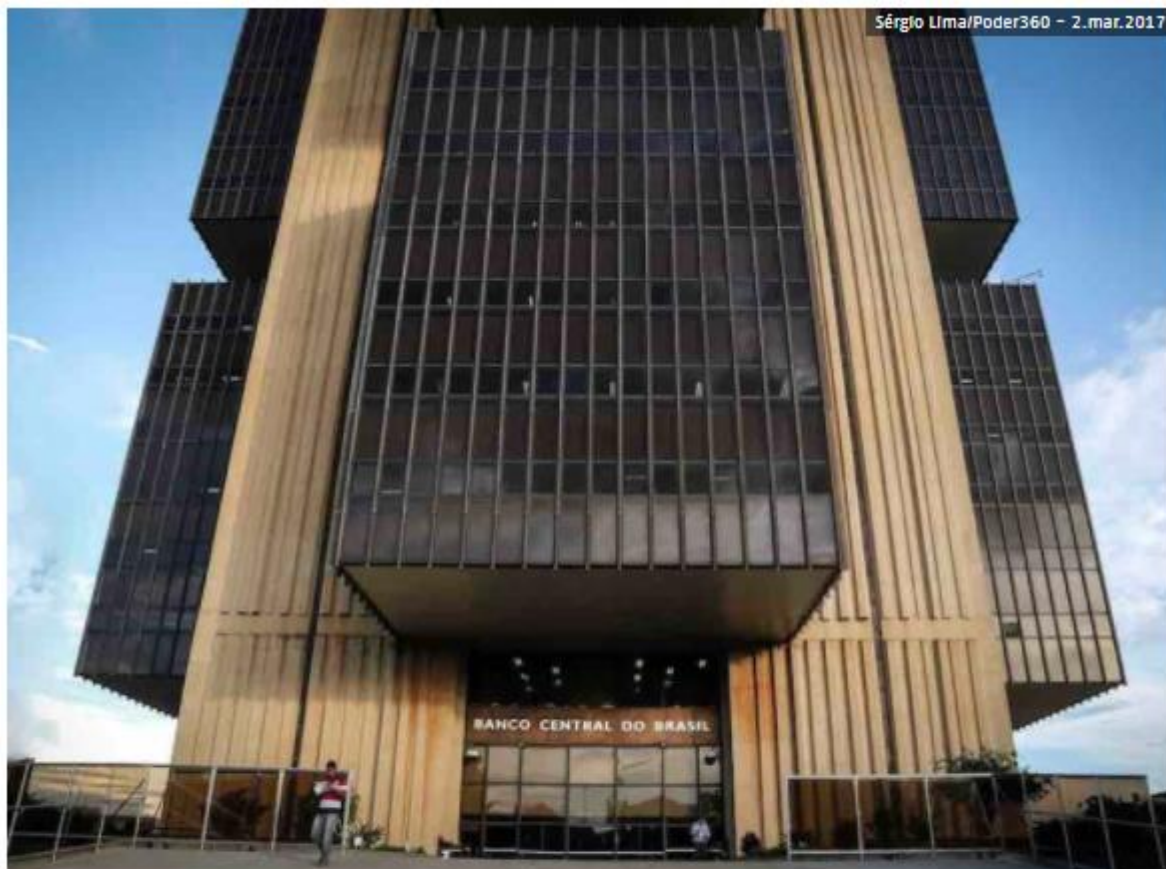


# Banco Central reduz taxa de juros a 7% ao ano, menor patamar da história

*Corte acompanha as expectativas do mercado*

*BC: nova redução moderada na próxima reunião*

*Trata-se da 10ª redução consecutiva na Selic*



O Banco Central do Brasil, em Brasília

**TEO CURY**

06.dez.2017 (quarta-feira) - 18h18

O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central cortou a taxa básica de juros da economia, a Selic, em 0,5 ponto percentual, de 7,5% ao ano para 7% ao ano. A decisão unânime da diretoria colegiada já era esperada pelo mercado.

A taxa é a menor da série histórica, em 1999, quando o regime de metas para a inflação foi adotado. Os 7,25% ao ano, que vigoraram de outubro de 2012 a abril de 2013, eram os menores juros até agora. Em 30 de novembro de 2016, a Selic estava em 13,75% ao ano. O anúncio ([íntegra](#)) foi feito nesta 4ª feira (6.dez.2017), após o comitê reunir-se por 2 dias para definir a taxa.

Na ata ([íntegra](#)) referente à sua última reunião, de 24 e 25 de outubro, a diretoria já havia sinalizado 1 corte menor: “*Caso a conjuntura evolua conforme o cenário básico do Copom, e em razão do estágio do ciclo de flexibilização, uma redução moderada na magnitude de flexibilização na próxima reunião parece adequada sob a perspectiva atual*”.

Em nota, o Banco Central foi enfático ao dizer que deve reduzir a Selic em 0,25 ponto percentual em sua próxima reunião, nos dias 6 e 7 de fevereiro de 2018. *“Para a próxima reunião, caso o cenário básico evolua conforme esperado, e em razão do estágio do ciclo de flexibilização, o Comitê vê, neste momento, como adequada uma nova redução moderada na magnitude de flexibilização monetária”,* destacou o comitê.

Como tem feito, o comitê voltou a destacar a necessidade de continuidade no processo de reformas e ajustes. *“[Esse processo] contribui para a queda da sua taxa de juros estrutural.”*

De acordo com o Copom, essa visão é mais suscetível a mudanças na evolução do cenário e seus riscos do que em reuniões anteriores. *“Para frente, o Comitê entende que o atual estágio do ciclo recomenda cautela na condução da política monetária.”*

No cenário doméstico, o comitê avalia que o conjunto dos indicadores econômicos divulgados desde a última reunião do Copom, em outubro, mostra sinais compatíveis com a recuperação gradual da economia.

Em relação ao ambiente internacional, considera que o comportamento do cenário externo tem se mostrado favorável *“na medida em que a atividade econômica global vem se recuperando sem pressionar em demasia as condições financeiras nas economias avançadas”*. Isso, avalia, contribui para manter o apetite ao risco em relação a economias emergentes.

## IMPACTO DA REDUÇÃO

O corte beneficiará o custo do crédito oferecido a empresas e famílias, bem como a tomada deste crédito. Também significará 1 barateamento dos juros cobrados para os endividados e do parcelamento de compras. Com o aumento do consumo dos brasileiros e dos gastos das empresas, aumenta a arrecadação do governo.

O professor de finanças do Ibmec-DF Marcos Melo explica que juros mais baixos também incentivam o aumento da atividade econômica. *“Com a redução da taxa de juros, uma loja de roupa, por exemplo, tem a perspectiva de rendimento maior. Dessa forma, aumentam as contratações e os salários. Isso aumenta a renda dos funcionários, que consomem mais.”*

Mas, se por 1 lado haverá barateamento deste crédito, a caderneta de poupança, tradicional aplicação financeira do país, deixa de ser atraente. Fica menor a rentabilidade de investimentos indexados à Selic. Assim, o investidor deve buscar novas modalidades.

Outro impacto é nas contas públicas. Com o corte de 0,5 ponto, o governo deve economizar R\$ 5,4 bilhões por ano com a Dívida Pública Federal, de acordo com o **economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini**. Isso porque, explica, a Dívida Pública Mobiliária Federal Interna, indexada à taxa Selic, representa 96,3% da Dívida Pública Federal. Já a parcela da DPMFi indexada à Selic, representa 32,81%. Em outubro, a Dívida Pública subiu 0,22%, para R\$ 3,438 trilhões.

## JURO REAL

Estudo (íntegra) apresentado nesta 4ª feira pela Infinity Asset Management mostra que o corte anunciado hoje pelo Banco Central faz com que o juro real brasileiro alcance 2,88%. Isso coloca o país na 4ª posição no *ranking* mundial.

Ainda há 1 longo caminho pela frente, mas, aos poucos, o Brasil deixa de ter uma das maiores taxas reais de juros do planeta. O país recentemente ocupava a 1ª colocação.

O juro real é o resultado da subtração ‘taxa Selic – taxa de inflação’.

Há 2 tipos de cálculo. Há o que trabalha com as projeções realizadas para os próximos 12 meses (“ex-ante”). E outro que considera os 12 meses anteriores (“ex-post”). Como a Selic tende a ser mais estável, as variações no juro real em geral estão atreladas à inflação, fenômeno mais volúvel.

## REAÇÕES

O presidente da CNI (Confederação Nacional da Indústria) Robson Braga de Andrade alertou que *“a manutenção da taxa em patamares reduzidos exige rigor no controle dos gastos públicos e a aprovação de reformas estruturais, que assegurem a estabilidade econômica”*.

Alencar Burti, presidente da ACSP (Associação Comercial de São Paulo), comemorou a redução. *“O Banco Central tomou a atitude mais correta; ela se justifica plenamente porque a inflação está até abaixo do limite inferior da meta. O próximo passo agora é recuperar a produção e o emprego.”*

Já o presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Paulo Skaf, não ficou satisfeito com o corte de 0,5 ponto. *“A inflação está baixa e sob controle, deixando espaço para reduções adicionais em 2018. É preciso que a queda dos juros chegue ao tomador final, para aumentar o consumo e o investimento, levando à geração de empregos.”* Ele concluiu com uma mensagem ao BC e ao Ministério da Fazenda: *“precisam agir para aumentar o crédito e reduzir o spread bancário, barateando a tomada de financiamentos”.*

Por meio de nota, a Força Sindical lamentou a decisão da autoridade monetária que considerou “extremamente tímida”. *“Entendemos que, com esta queda ‘conta-gotas’, o Banco Central perdeu uma ótima oportunidade para promover uma drástica redução na taxa básica de juros, que poderia funcionar como um estímulo para a criação de novos empregos e para o aumento da produção no país. Mais uma vez o Banco Central frustra os anseios dos trabalhadores.”*

## **ENTENDA O COPOM**

O comitê foi instituído em 20 de junho de 1996 e é composto pelos membros da diretoria colegiada do BC. Seu objetivo é estabelecer as diretrizes da política monetária e definir a taxa básica de juros.

A Selic é a taxa média dos financiamentos diários, com lastro em títulos federais, apurados no Sistema Especial de Liquidação e Custódia. Ela vigora por todo o período entre reuniões ordinárias do Comitê, ou seja, 45 dias. No 1º dia de reunião é apresentada uma análise da conjuntura doméstica. Costumam ser abordados os seguintes assuntos:

- inflação;
- nível de atividade;
- evolução dos agregados monetários;
- finanças públicas;
- balanço de pagamentos;
- economia internacional;
- mercado de câmbio;
- reservas internacionais;
- mercado monetário;
- operações de mercado aberto;
- avaliação prospectiva das tendências da inflação;
- expectativas gerais para variáveis macroeconômicas.

No 2º dia, após a análise das projeções atualizadas para a inflação, são apresentadas alternativas para a taxa de juros de curto prazo e feitas recomendações acerca da política monetária. Em seguida, os demais membros do Copom fazem suas ponderações e apresentam eventuais propostas alternativas. Logo depois, inicia-se a votação das propostas, buscando-se, sempre que possível, o consenso.